

A LINGUAGEM CORPORAL NO UNIVERSO DA SURDEZ

QUETA, Milene Lopes dos Santos¹

RESUMO

O indivíduo surdo, muitas vezes não é compreendido por aqueles que ouvem. Isso ocorre porque os surdos têm diferentes particularidades que envolvem os meios de comunicação que usam – a comunicação visual-gestual – o que significa usar a visão e a linguagem corporal para se comunicar. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo discutir a forma de comunicação baseada na linguagem corporal da pessoa surda. Este estudo inicia buscando uma definição adequada para linguagem, e uma de suas raízes, a linguagem corporal. Esta linguagem é intrínseca à natureza humana, pois o homem se comunica com o corpo. Mas o homem desenvolveu outras habilidades de comunicação, a linguagem oral, delegando à linguagem corporal um papel secundário, que aparece permeando as palavras, contribuindo para a sua

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros – MG. Intérprete de Língua brasileira de Sinais. Professora de Língua de Sinais do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia – IFTO, Campus Gurupi-TO. Email: milene.queta@ifto.edu.br

importância e significado. Na falha da comunicação oralizada, a corporal é explorada, de forma que essa habilidade supre a outra. Essa habilidade corporal é explorada pelos surdos, principalmente os que utilizam a Libras, a língua própria da comunidade surda do Brasil.

Palavras-chave: Linguagem. Linguagem corporal. Libras.

BODY LANGUAGE AND THE DEAFNESS UNIVERSE

ABSTRACT

The deaf individual is often not understood by those who hear. This is because the deaf have different particularities, that involve the means of communication that use, a visual-gestural communication, which means use the vision and the body language to communicate. Within this perspective this research aims to discuss the communicative way based on the body language of the deaf person. This study begins searching for a suitable definition language, and one of its roots, the body language. This language is intrinsic to human nature because the man communicates with the body. But the other man developed communication skills, the oral language, body language delegating to a subordinate role, which appears permeating the words, contributing to its importance and significance. On failure of oral language communication, the body is explored, so that this ability makes up the other. This ability is exploited by the deaf body, especially those using the Libras, the natural language of the deaf community in Brazil.

Keywords: Language. Body Language. Libras.

INTRODUÇÃO

O universo do surdo, para muitas pessoas, parece não existir e mesmo os que se importam não o compreendem. Um universo tão próximo, composto de pessoas com que nos deparamos continuamente, e tão distante. Para entender a visão de mundo dessas pessoas, é preciso experimentação, convivência e aprendizado, requer entrega e disposição.

Felipe (2001, p. 120) lembra que, até o final do século XV no continente europeu, as escolas especializadas para surdos eram inexistentes, porque “[...] os surdos eram considerados incapazes de serem ensinados. Por isso as pessoas surdas foram excluídas da sociedade e muitas tiveram sua sobrevivência prejudicada. Existiram leis que proibiam o surdo de possuir ou herdar propriedades, casar-se, votar como os demais cidadãos”.

Esse relato mostra o grau de exclusão a que tais pessoas eram submetidas, isto porque o fator relevante à sociedade, desde aqueles tempos e ainda presente atualmente, é a produção de signos oralizados, destinando os surdos ao silêncio, a um

lugar subalterno (ORLANDI,1997; FELIPE, 2001).

Para Felipe, (2001, p. 120)

Muitos surdos foram excluídos somente porque não falavam, o que mostra que, para os ouvintes, o problema maior não era a surdez, propriamente dita, mas sim a falta da fala. Daquela época até hoje, ainda muitos ouvintes confundem a habilidade de falar com a voz com a inteligência da pessoa, talvez seja porque a palavra “fala” esteja etimologicamente ligada ao verbo/pensamento/ação e não ao simples ato de emitir sons articulados.

A cultura surda envolve diversos aspectos – como se relacionam e se organizam, como se exprimem na arte, em qual língua se comunicam. A linguagem pode ser compreendida como a principal identidade dessa comunidade, pois é a partir da comunicação que seus integrantes conseguem tornar comuns “seus modos de ser”. Essa comunicação envolve elementos independentes, pois, para ser capaz de transmitir o valor pleno do discurso, coexiste simultaneamente no corpo, potência da língua “surda”.

Dentro da perspectiva da comunicação pela língua, Brito (2004) esclarece que o sinal nas Línguas de Sinais é formado a partir da combinação do movimento das mãos, com um determinado formato, tocando

em um dado local podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos são denominadas parâmetros (HICKOK; BELLUGI; KLIMA, 2004, p. 53):

- Configuração de mãos: são as formas das mãos, que podem ser da datilografia (alfabeto manual) ou formas feitas pela mão predominante;
- Ponto de articulação: lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical ou horizontal. É uma das unidades mínimas que distinguem as palavras, sendo fundamental na formação do sentido. Como nos exemplos, “aprender” e “sábado”, se distinguem pelo ponto de articulação testa e boca, respectivamente. Da mesma forma, as palavras “pata” e “bata”, em português, se distinguem pela sonoridade;
- Movimento de braços e mãos: os sinais podem ter movimento ou não. 'Na Língua Brasileira de Sinais, um movimento rotatório ao sinal "olhar" muda o significado do verbo, que passa a ser "passar os olhos por todo o ambiente". O mesmo sinal produzido sem o movimento é interpretado como observar; com movimento da mão de

cima para baixo é usado para se referir a "olhar de alto a baixo";

- Orientação das palmas das mãos (por exemplo, palma para cima, palma para baixo): os sinais podem ter uma direção específica, e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal;
- Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros descritos, têm como traço diferenciador em sua configuração também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais de alegre e triste que precisam estar acompanhados da expressão facial que especifica a característica de tais sentimentos.

Na combinação desses cinco parâmetros tem-se o sinal. Mesmo que na formação de um determinado sinal não sejam necessariamente utilizados todos os parâmetros de forma simultânea, os sinais isolados normalmente não expressam o significado pleno do discurso. Este significado só é determinado pela interação dos outros elementos expressivos da linguagem. De acordo com Quadros (1995, citado por SALLES, 2004, p. 84), “[...] na conversação, a atitude do emissor é

apreendida pelo receptor, a partir do que ele produz. Os surdos fazem uso da expressão facial e corporal como forma de enfatizar, omitir, salientar e assim por diante”. Desse modo, as palavras se unem umas às outras, assim como a outros aspectos das línguas orais-auditivas, para formarem frases distintas e, de forma similar, os parâmetros de cada sinal se unem, para que também a frase corporal seja completa.

Sobre este aspecto é importante ressaltar que, fundamentalmente, a codificação da atitude do falante está aliada à distinção dos tipos frasais – declarativo, interrogativo, exclamativo, imperativo. Esta situação se manifesta de maneira similar em ambas as modalidades.

Em Língua de sinais, são utilizadas marcas não manuais, como expressões fisionômicas e movimentos do pescoço, em sincronia com o movimento manual, enquanto na língua oral, é utilizada a modulação do contorno melódico (entonação e intensidade) da cadeia lingüística, em sincronia com os segmentos fônicos (SALLES, 2004, p. 84).

Desse modo, estes parâmetros nos fazem perceber o quanto a linguagem corporal está intrincada na essência da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A sua análise conduz à

percepção nítida dos traços da linguagem corporal que delineia cada sinal, seja pela utilização das mãos e braços, pela orientação do movimento do corpo no espaço, ou pela expressão corporal e/ou facial. E conduz, também, à constatação do quanto a linguagem corporal está presente na comunicação do/com o surdo, acompanhando-o permanentemente.

Dentro dessa perspectiva um dos pontos vitais a ser observado é que, independente da utilização ou não da Libras, o indivíduo surdo tem como princípio a comunicação pelo corpo, ou seja, uma linguagem corporal, embora não seja exclusividade da comunidade surda o uso do corpo como forma de comunicação uma vez que qualquer indivíduo, quer seja surdo quer seja ouvinte, fala com o corpo.

Entende-se que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo ouvinte ao tentar se comunicar com o surdo é fazer-se compreendido, é usar a expressão corporal de forma consciente. Dessa forma, esse estudo mostra como o corpo é utilizado pelo surdo na comunicação e qual a porta de entrada para esse caminho, numa contribuição para maior conhecimento

da cultura do surdo e, também, para aqueles que procuram o aprendizado da Libras. Pretendeu-se, ainda, contribuir para o entendimento num sentido não somente biológico do corpo, o corpo-comunicação – uma comunicação presente no corpo do indivíduo surdo que, mesmo tendo sido superada pela comunicação oralizada e assumindo um papel de destaque menor, na falha do primeiro, não desampara o ser humano, mas o serve tão plenamente que essa falha não remete ao sentimento de perda, mas de simples diferença.

Nessa perspectiva, esta pesquisa discute a importância da linguagem corporal, forma de comunicação com o corpo para os indivíduos surdos, independente do domínio da Libras, a língua natural da comunidade surda do Brasil.

MÉTODO

Visando à discussão e contextualização da linguagem corporal, foi realizada uma pesquisa exploratório-bibliográfica com a finalidade de obter diferentes contribuições sobre o tema.

A pesquisa tem, ainda, como pilar, o método hermenêutico, que “[...] se refere à arte de interpretar textos e,

sobretudo, à comunicação humana”, enquanto fenômeno que atenta não só para o que se diz, mas para o que não se diz (DEMO, 1995, p. 247). Para se chegar a compreender este “sentido oculto”, deve-se definir uma relação dialógica que não se reduz ao objeto, e, sim, exige do intérprete empatia, capacidade de se colocar no lugar. “O intérprete é sempre alguém dotado de bagagem prévia, porque ninguém consegue compreender a comunicação sem deter algum contexto relativo a ela, em sentido prévio... é diálogo no sentido mais legítimo do termo.” (DEMO, 1995, p. 249).

Neste sentido, tal experiência construiu-se na convivência da autora deste trabalho com a comunidade surda regional e da curiosidade sobre questões do universo do surdo. Questões que ao adentrarem o terreno da reflexão, centralizaram-se na utilização e importância do corpo para a comunicação efetiva do/com o surdo. Dessa forma, a discussão apresentada ao longo deste estudo, tem como finalidade articular todas as ideias apresentadas, correlacionando-as a ponto único: a importância da linguagem corporal na comunicação do indivíduo surdo.

O “PRINCÍPIO COMUNICATIVO”

A LINGUAGEM

Antes de nos debruçarmos no estudo da linguagem faz-se necessário procurar uma definição adequada para o termo. Fernandes, Luft e Guimarães (1991) definem a linguagem como qualquer meio de exprimir o que se sente ou se pensa e Crystal (2000, p. 160) a descreve como um “[...] termo de sentido abstrato que se refere à faculdade biológica que possibilita aos indivíduos aprender e usar a sua *Língua* – uma capacidade implícita na noção de “dispositivo da aquisição da linguagem da *psicolingüística*” (grifo do autor). E ainda acrescenta que a aplicação popular do termo [linguagem] se concentra nos modos de comunicação que não são fala ou escrita (“a linguagem do corpo”, a “linguagem dos olhos”).

Saussure (1989) revela duas faces da linguagem, uma individual e uma social. Porém, indica que, como um todo, a linguagem se revela heteróclita e não se permite classificar em nenhuma categoria, pois ao mesmo tempo é física, fisiológica e psíquica; pertence ao domínio social e individual, e, portanto, não se pode inferir sua unidade.

Continuando a considerar as ideias de Saussure (1989), a linguagem se constitui em sua face individual, como produto do tempo passado e presente, sendo construída pelas vivências do indivíduo. Sua dimensão social corresponde à língua, já que é necessário um acordo entre os indivíduos que utilizam os mesmos signos linguísticos para que haja uma compreensão plena das idéias expressas entre si.

Desse modo, a linguagem pode ser definida como meio de comunicação usado pelo homem para exprimir seus pensamentos, sentimentos e intenções. Esse meio de comunicação não se restringe aos sons ou à escrita, mas a qualquer veículo adotado para que haja troca de informações ou apenas a transmissão da mensagem. Esse meio pode ser, por exemplo, o corpo, por meio da linguagem corporal.

Mas o que está por trás dessa palavra comunicação, que nos contempla com o significado mais preciso da linguagem corporal – meio efetivo do ato de comunicar? Qual o sentido do corpo em seu contexto, instrumento de comunicação e interação com o mundo? Em harmonia

com as idéias de Carvalho (1967, p. 25):

Assentamos, pois que pela linguagem o homem comunica ou (apenas) exterioriza alguma coisa, devemos determinar o que é isto que assim é comunicado ou exteriorizado. Antes, porém, convirá que nos detenhamos um pouco a considerar qual seja a própria essência do que chamamos comunicação em que consistirá essencialmente o fenómeno [sic] que é o comunicar, no qual vemos o homem empenhado com os seus semelhantes.

Pode-se inferir da palavra comunicação o termo tornar comum, ou seja, “[...] dar ao outro alguma coisa que não deixa de ser meu, entregar-lhe algo que continua a pertencer-me” (CARVALHO, 1967, p. 25).

Para Abbagnano (2000, p. 161).

Filósofos e sociólogos utilizam hoje esse termo para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão. Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de “coexistência” ou de “vida com os outros”... nos quais reste certa possibilidade de participação e compreensão.

A base da comunidade, de acordo com Carvalho (1967, p. 25), é que haja algo de comum entre os indivíduos a partir da participação recíproca nos “seus modos de ser”. Comunicar, deste modo, significa estabelecer comunidade. “Estabelecer

comunidade é, pois, também, função da linguagem como forma ou processo de comunicação” (grifo do autor).

Complementando este pensamento, o mesmo autor ressalta que a comunicação entre os seres humanos representa, ao mesmo tempo, uma condição e o resultado da comunicação como primeiro a entendemos. Deste modo, comunicar significa transmitir, dar a outro, “[...] transmitir para posse de outro aquilo que desde agora passa a ser comum” (1967, p. 25).

O ato de comunicar não é somente meio de participação e integração social, mas é ainda meio de desenvolvimento individual, pois de acordo com Borba (2005) interpretamos e traduzimos nossas experiências, sejam elas simples ou complexas em termos de processo de comunicação.

Em conformidade com este pensamento que define a comunicação como ato de coexistir, comunicar é uma necessidade humana, que existe desde os primórdios da humanidade. Um dos meios mais antigos e primitivos de comunicação, que precedeu a linguagem oralizada, foi a linguagem corporal. Realmente primitivo, mas tão

importante que persiste como meio de comunicação até os nossos dias.

LINGUAGEM CORPORAL

Oliveira Filho (1968, p. 242), ajuda a entender que a linguagem corporal, denominada por ele linguagem visual (dançada, gesticulada, mímica) é muito mais antiga do que talvez se possa imaginar. Segundo o autor, essa linguagem não teve um largo exame de sua antiguidade, principalmente como instrumento de comunicação entre os homens. Sobre este aspecto, o autor relaciona que mesmo com o desenvolvimento da linguagem oral-articulada, (ou, como chamamos, oral-auditiva), a linguagem visual, ou seja, corporal, ainda conserva muitas de suas antigas manifestações, como meio importante na comunicação entre os seres, tanto entre os seres humanos quanto entre os animais.

Oliveira Filho (1968, p. 244-245) lembra que a linguagem corporal foi a primeira forma de comunicação e que surgiu da necessidade de um instrumento que permitisse a intercomunicação dos seres das mais diversas espécies, já que estes não eram dotados de órgãos capazes de produzir sons:

Vê-se, pois, que a "consciência" ou, mais precisamente, o sentimento da necessidade de um instrumento de intercomunicação surgiu logo que foram aparecendo as primeiras espécies animais. Por não possuírem sons, só lhes restou apelar para a linguagem visual. Conseqüentemente quem abriu caminho para atender às mais remotas necessidades de intercomunicação foi a *linguagem visual*. Ela vanguardou todos os estímulos criadores de linguagens; constitui, pois a primeira estratificação de processos intercomunicativos. Como infraestrutura de todas as linguagens, tendo surgido milhões de anos que fossem aparecendo as outras (sonoras, sonoro-orais-articuladas), a linguagem visual, nas diferentes modalidades, além de ser *entendida por todos os homens também o é*, em parte ainda, por muitos animais quando dos contactos [sic] interespecíficos. Estes compreendem os gestos que representam ameaça, agressão, atração (alimentar etc.), agrado, diversão (grifo do autor).

A humanidade com o passar dos anos, aumentou qualitativa e quantitativamente as formas de expressão por meio da linguagem corporal. Qualitativamente porque aprimorou o emprego dos órgãos mais que os outros seres. E quantitativamente, pois recorre a muitos mais órgãos para se exprimir que os demais animais. Por exemplo, o movimento da cabeça, o contrair e o distender os músculos faciais, a postura parcial ou total do corpo em atitudes de reação pessoal. Mas

principalmente o uso das mãos, que se prestam à expressão de muitas coisas (OLIVEIRA FILHO, 1968).

Por meio das reflexões deste autor, pode-se entender o quão remoto é o uso da linguagem corporal em comparação à linguagem oral-auditiva. Esta forma de linguagem foi sendo aprimorada ao longo do desenvolvimento humano e não foi abandonada quando o homem conseguiu adquirir a faculdade de comunicação por meio dos sons. Pelo contrário, passou a ser um recurso a mais para uma comunicação mais eficaz.

Nesse sentido, Kristeva (1969, p. 312) ressalta que a comunicação através do corpo é tão intrínseca ao ser humano que Freud fundamentou a psicanálise a partir dos sintomas histéricos que ele soube ver como “corpos falantes”. “O sintoma corporal está engendrado em uma rede simbólica complexa, e pela compreensão de sua sintaxe própria, é possível que o problema seja solucionado”.

A linguagem corporal é inata ao ser humano, embora seja utilizada pelo homem na comunicação de forma quase inconsciente. Segundo Weil (2003), a linguagem muda das atitudes

corporais prossegue, constantemente, com toda a eloquência da própria vida que fala de suas relações humanas.

Nas línguas orais-auditivas, “[...] gestos e expressões faciais dão mais ênfase visual e emocional às palavras. Podem intensificar seus sentimentos e dar mais vida à voz” (WATCH TOWER, 2001, p. 121). Ou seja, mesmo quando se fala ao telefone, gesticular e fazer expressões faciais fará com que a voz transmita de forma melhor a importância da mensagem. O mesmo autor informa que o rosto é a parte do corpo que mais expressa o que sentimos. Os olhos, a boca e o movimento da cabeça desempenham um papel importante na comunicação.

Enfatizando a importância do gesto expressivo, Garaudy (1980, p. 81) relaciona as idéias de François Delsarte:

O gesto, dizia Delsarte, é mais que o discurso. Não é o que dizemos que convence, mas a maneira de dizer. O discurso é inferior ao gesto porque corresponde ao fenômeno do espírito. O gesto é o agente do coração, o agente persuasivo. Cem páginas talvez não possam dizer o que um só gesto pode exprimir, porque, num simples movimento, nosso ser total vem à tona...

Através de suas ações (sociais, culturais, antropológicas, históricas, amorosas) o corpo fala de si, em sua

própria língua: a linguagem do corpo. Uma linguagem que independe de outras linguagens e códigos. Essa linguagem do corpo emerge por meio de uma organização subjetiva dos órgãos, gestos e movimentos, ou seja, toda massa corporal colocada em movimento” (MADUREIRA, 2003).

Ampliando este pensamento, autores como Ray Birdwhistell (1952, citado por DAVIS, 1979, p. 45), relacionam que a comunicação ultrapassa até mesmo o corpo em movimento. “O próprio corpo eventualmente, comunica. E não somente por intermédio do movimento ou da posição que assume. A própria forma do corpo pode ser uma mensagem...”.

Dessa maneira, pode-se inferir que efetivamente o corpo fala, mesmo que no uso de nossa faculdade cinética comunicativa, não nos damos conta, e não damos a devida importância a essa ferramenta de interação individual e com o mundo. Essa ferramenta é nosso meio de reação, ação, indagação e resposta, e de forma não passível ao nosso controle; portanto, deixa-nos, de certa forma, nus e revelados ao mundo.

O SURDO E A “FALA” CORPORAL

Muitas vezes o corpo denuncia, revela as reações de nervosismo, medo discordância, sem que se pronuncie uma única palavra.

O corpo é um instrumento utilizado para o homem se posicionar frente ao mundo. Apesar do silêncio vocal, o corpo exala comunicação consigo e com o mundo. O corpo é sedento de comunicação, e seu objetivo é alcançado consciente ou inconscientemente. Independente da comunicação linguística, a comunicação corporal se desvencilha e encontra seu caminho.

Os que utilizam a comunicação oral-auditiva fazem uso do corpo como meio de comunicação simultaneamente à fala, embora essa forma de expressão conjunta adquira, na maioria das vezes, um âmbito inconsciente. Sendo assim, neste sentido inconsciente, a linguagem corporal denuncia atitudes, impressões, revela. Reforçando e complementando esta idéia, Davis (1979, p. 43) diz que “[...] há uma tendência em acreditar mais no componente não-verbal (representada aqui pela linguagem corporal) por ser menos provável que se encontre sob o domínio consciente”.

No corpo do surdo também está inscrita a atitude que o sujeito adquire perante o mundo, a forma que o encara. Porém, embora esteja sob os mesmos princípios que qualquer outra pessoa, o indivíduo surdo aprende a explorar de forma mais efetiva as possibilidades do corpo como princípio comunicativo, vinculando-a muito mais ao âmbito consciente.

E não só confirmando isto como também enfatizando, Felipe (2001, p. 64) coloca que “O surdo tem um modo próprio de olhar o mundo onde as pessoas são expressões faciais e corporais. Como fala com as mãos, evita usá-las desnecessariamente e quando as usa, possui uma agilidade e leveza que podem se transformar em poesia”.

O surdo, a partir do silêncio “verbalizado”, desenvolveu uma espantosa capacidade de comunicação por meio das mãos e do corpo. Essa habilidade está presente até mesmo nos surdos que não se comunicam utilizando a língua de sinais.

Os estudos publicados por Brito (2004) comprovam que o surdo tem a capacidade de aproveitamento das expressões faciais e corporais, e que este supera as limitações linguísticas:

Surdos de países com língua de sinais diferentes comunicam-se mais rapidamente uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm de desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos às expressões faciais e corporais da pessoa.

Esse fato comprova como o aproveitamento do corpo pelo surdo é eficaz e o quanto a linguagem corporal é importante para se estabelecer comunicação, independente das barreiras linguísticas. Sendo assim, os “ouvintes” têm muito que aprender, ou seja, reaprender. Retomar atitudes conduzirá, assim como o fazem os surdos, ao aperfeiçoamento, e revelará um mundo novo repleto de possibilidades. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 269):

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido [...].

O corpo é nosso “esboço”, nos retrata assim como somos. Devemos assim “aproveitar” esse corpo, experimentá-lo, descobrindo as

amplas possibilidades disponíveis e, dentro dessas, a possibilidade comunicativa.

Essa possibilidade é belamente explorada pelos indivíduos surdos, que utilizam a língua própria de sua comunidade. E se sobressaem de forma relevante quando utilizam a Libras, pois conseguem explorar as possibilidades do corpo como meio comunicativo. Esta língua assume então, a característica de pedra angular para essa comunidade.

A este respeito Brito (2004) ressalta que a Libras tem características próprias. Toda essência da comunicação em Libras está fundamentada na comunicação corporal e, o que se chama palavra nas línguas orais-auditivas, nas Línguas de Sinais são chamados de sinais. A autora ainda enfatiza que a Libras tem a característica de ser uma modalidade gestual-visual, ou seja, utiliza como canal de comunicação movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão.

A comunicação por meio da imagem, entre os membros da comunidade surda, é fundamental tanto para o emissor quanto para o receptor. Neste sentido, é que surge o entendimento da importância da

linguagem corporal no universo da surdez de maneira consciente, pois ela, a linguagem corporal, é uma forma de linguagem visual que, a partir da organização das informações e imagens, permite o entendimento recíproco.

Os surdos, ao se comunicarem, procuram organizar espacialmente os sinais, de forma que um cenário espacial possa ser montado em frente ao emissor e visualizado pelo receptor. “A pessoa pode apontar para uma posição distinta no espaço enquanto faz o sinal de um nome conectando assim a palavra àquela posição” (HICKOK; BELLUGI; KLIMA, 2004, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual espera que todo pensamento, se houver, seja verbalizado, ou melhor, oralizado e que as palavras se tornem audíveis. O homem que não utiliza os meios comunicativos orais desvia-se do padrão comunicativo e, conseqüentemente, é condenado ao esquecimento. Lugar de marginalização e exclusão ao qual os indivíduos que não se manifestam oralmente são submetidos.

Contudo, usufruindo a sua capacidade de expressão e comunicação, não importando qual veículo utiliza, o homem surdo se impõe, faz-se conhecido e presente. O ser humano com a ampla capacidade de adaptação e criação de que foi dotado, trilha novos caminhos, ou reutiliza os caminhos antes trilhados, mas que foram esquecidos. Diante da falta da funcionalidade dos

órgãos da fala e da audição, mergulhado num completo silêncio verbalizado, o ser humano volta as suas origens, utilizando um meio comunicativo que já o serviu há muito tempo, a linguagem corporal. Passa, portanto, das palavras para as imagens que são visualizadas no corpo em movimento, movimento este que comunica.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORBA, Francisco da Silva. Introdução os estudos lingüísticos. 14. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Estrutura lingüística da LIBRAS. Disponível em: <http://www.ines.org.br/ines_livros/SUMARIO.HTM>. Acesso em: 8 dez. 2004.
- CARVALHO, José Herculano de. Teoria da linguagem: natureza do fenômeno lingüístico e análise das línguas. Coimbra: Atlântida, 1967.
- CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DAVIS, Flora. A comunicação não-verbal. 7. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas 1995.
- FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico livro do estudante. Recife: EDUPE, 2002.
- FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. Dicionário brasileiro Globo. 18. ed. São Paulo: Globo, 1991.
- GARAUDY, Roger. Dançar a vida. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HICKOK, Gregory; BELLUGI, Ursula; KLIMA, Edward S. A Língua de Sinais no cérebro. Scientific American Brasil, 2004.

KENDON, Adam. Movement Coordination in Social Interaction: Some Examples Described. Acta Psychologica, v. 32. 1970, pp. 1-25.

KRISTEVA, Julia. História da linguagem. Lisboa. Portugal: Edições 70, 1969.

MADUREIRA, José Rafael. François Delsarte: fragmentos de corpo, expressão e dança. XIII COMBRACE – Anais do XIII Congresso brasileiro de ciência do esporte. 14 a 19 de Setembro de 2003, Caxambu, Minas Gerais.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA FILHO, A. Marques de. Um ensaio de paleolingüística. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. Deaf in America: Voices from a culture. London: Harvard University Press, 1999.

QUADROS, Ronice Müller. O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial: Programa Nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

_____. 1995. A expressividade na Língua de Sinais. In: STROBEL, K. (Org.). Surdez: abordagem geral. Curitiba: APTA/FENEIS.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. Ensino da Língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Volume 1. Programa nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1989.

WATCH TOWER bible and tract society of Pennsylvania e Sociedade Torre de Vigia de bíblias e tratados. Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático. Brooklyn, New York, USA: Watch Tower bible and tract society of New York, Inc; Cesário Lange, São Paulo, Brasil: Sociedade Torre de Vigia das bíblias e tratados, 2001.

WEIL, Pierre. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 1990.